

“CIDADÃO, CIVILIZAÇÃO E UTOPIA”: MÚSICA, DICIONÁRIO E ANÁLISE DO DISCURSO EM SALA DE AULA NA FORMAÇÃO DO ALUNO CRÍTICO

Marina de Souza Jacob¹

RESUMO: O trabalho a seguir pretende analisar a macro e microestrutura do *Dicionário Aurélio Júnior*, feito para o público infanto-juvenil e publicado em 2011, além de três verbetes nele expostos: cidadão, civilização e utopia. Nosso objetivo se enquadra numa perspectiva didática, ao mesmo tempo reflexiva, ao propor ao professor de Português ou História do Ensino Fundamental das séries finais um tratamento de cunho histórico e ideológico destas expressões que coadunam sentidos amplos, nem sempre apreendidos pelo jovem aprendiz. Para isto, lançaremos mão de uma canção brasileira da banda Skank, “Pacato cidadão”, e da teoria da Análise do Discurso. Os sentidos atribuídos a estes termos, pelo dicionário, parecem não preencher a dimensão ampla de significados por eles pretendida enquanto expressões social e historicamente construídas. Desse modo, trabalhar os vocábulos “cidadão, civilização e utopia” constitui-se numa tarefa importante de uma educação que prima pelo ideal político libertador.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso; canção; dicionário, criticidade.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the macro and microstructure of Aurelio Dictionary’s Junior, made of children and youth published in 2011, and also three entries displayed on it: citizen, civilization and utopia. Our goals follow a didactic and reflective perspective, when we propose to the teacher of History and Portuguese of Elementary Education of the final series, a historical and ideological vision of those expressions that have multiple meanings, and sometimes not learned by the young student. Thus, we used a Brazilian song called Pacato Citizen by Brazilian band Skank as well as the theory of discourse analysis. The meanings of these terms by the dictionary do not seem to fill the great dimension of the meanings they have as social and historical expressions built. Thus, studying the nouns "citizen, civilization and utopia" is an important task for education that values the political ideal of freedom.

Keywords: Discourse analysis; song; dictionary; criticality.

Introdução

O léxico corresponde ao vocabulário de uma determinada língua utilizado pelos falantes a fim de promoverem a comunicação. Ele, portanto, é preñado de sentidos. Pode se constituir de uma só expressão, uma palavra, ou palavras compostas que sofrem influências de elementos externos para sua formação, como a sociedade, a tecnologia, os neologismos, a cultura. Seu legado se encontra no dicionário, uma obra com fins de explicação e consulta. Porém, este nem sempre é capaz de esclarecer certos vocábulos. O dicionário, assim como a gramática, são objetos de conhecimento que conferem unidade e legitimidade à língua.

[...], enquanto objeto histórico, tanto a gramática como o dicionário, [...] são uma necessidade que pode e deve ser trabalhada de modo a promover a relação do sujeito com os sentidos, relação que faz história e que configura

¹ Mestranda na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Bolsista Fapemig. E-mail: marinarosajacob@yahoo.com.br

as formas da sociedade. O que nos leva a dizer que, por isso mesmo, eles são um excelente observatório da constituição dos sujeitos, da sociedade e da história. (ORLANDI, 2001, p. 9)

Mas o dicionário não consegue abarcar o funcionamento da língua em suas múltiplas práticas sociais, em seus múltiplos movimentos ideológicos, os quais direcionam, apontam os sentidos; pelo contrário, o dicionário tende à neutralidade e à objetividade.

A Análise do Discurso de linha francesa, com suas propostas para uma nova maneira de ler, que implica em problematizações, funcionará como nosso aporte teórico-metodológico, uma vez que consegue desvelar a não neutralidade do discurso, ou seja, trata-o em seu movimento dialético, entre interlocutores que ocupam funções e contextos sociais de naturezas diversas, às vezes contraditórias e tensas.

Neste trabalho, mostraremos de modo geral a macro e microestrutura do *Dicionário Escolar Aurélio Junior*, publicado no ano de 2011, sob autoria de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e coordenação de Margarida dos Anjos e Marina Baird Ferreira, voltado para o público juvenil (anos finais do ensino fundamental), distribuído em larga escala nas escolas públicas.

Analisaremos nele três verbetes: “cidadão”, “civilização” e “utopia”, tendo em vista o contexto de uma canção da banda mineira Skank, “Pacato cidadão”. Buscaremos ampliar os sentidos que tais vocábulos ganham à luz da Análise do Discurso, pela natureza interdisciplinar desta matéria, que leva em consideração elementos sociais, culturais, históricos, ideológicos, presentes em discursos coletivos ou individuais na compreensão aprofundada dos textos.

Este trabalho é uma tentativa de colaboração às propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Português e História (1997) que visam à formação do “cidadão, leitor crítico”, ou seja, capaz de compreender, relacionar, inferir as diversas informações e fatos de modo que possa interferir na vida social. Há uma recomendação constante nos currículos ou programas disciplinares para que se alie o “contexto social do aluno” às práticas pedagógicas quanto à “formação do cidadão crítico”. Tema importante e ao mesmo tempo desafiador. Não pretendemos mostrar soluções, nem descrever estratégia didática infalível, mas sim problematizar alguns sentidos atribuídos a três verbetes pelo *Dicionário Aurélio Júnior* e como os mesmos podem ser ampliados por uma análise de canção, por exemplo, através de diálogos e trocas de experiências entre professor e alunos.

Análise da macroestrutura e microestrutura

A macroestrutura pode ser identificada já no sumário, onde se localizam as partes em que se divide o *Dicionário*, como: chave do dicionário, nosso alfabeto e o alfabeto grego, o dicionário e o uso das palavras, abreviaturas, resumo gramatical. Cada tópico destes esclarece ao jovem leitor a função dos elementos, abreviaturas e palavras no dicionário, auxiliando-o numa consulta mais precisa, de maior qualidade.

Em seu prefácio, os coordenadores da obra chamam a atenção para o tipo de pesquisa promovida na elaboração da obra, como consultas em jornais/revistas impressos e on-line, incluindo vocabulário mais moderno no que se refere às novas tecnologias e ao mundo digital. A intenção de seus idealizadores é disponibilizar ao máximo “um universo vocabular verdadeiramente abrangente” (FERREIRA, 2011, p. 4), de modo claro, sem margem de dúvidas, conforme seus dizeres.

Os autores da obra se preocuparam em ampliar o formato de um verbete como exemplo para maiores explicações aos leitores. No tópico “A chave do dicionário”, o verbete foi minuciosamente analisado de modo que se possa identificar bem cada item do mesmo. Por exemplo:

Cabala = *subst. Fem.* **1.** Tradição mística do judaísmo, à qual estão associados ensinamentos esotéricos. **2.** Figurado Maquinação, conspiração.

Cabala = cabeça do verbete: vem sempre em negrito e azul, é alinhada à esquerda e identifica o verbete.

Subst. Fem. = indica a categoria gramatical a que pertence a palavra: aparece em itálico, abre a seção de significados e outras informações referentes à palavra, logo após a entrada ou pronúncia. É escrita de forma reduzida.

Subst. Fem. = abreviatura. A listagem completa se encontra nas páginas seguintes.

1, 2 = número de definição, em azul e negrito, indica definição de um novo significado dentro do verbete.

Sinal ponto ou bolinha no meio do verbete . = indica mudança de categoria gramatical.

Isto mostra o cuidado em evidenciar os sentidos e acepções do dicionário para o leitor jovem, ainda inexperiente com o manejo da obra. No tópico “O dicionário e o uso das palavras”,

os autores dão dicas de produção de texto, vocabulário adequado a determinadas ocasiões, norma-padrão, gíria, linguagem da internet, gênero textual, etc.

É importante também que citemos o papel da microestrutura do dicionário, ou seja, dos verbetes. Neles encontramos informações semânticas e pragmáticas que se unem para produzir sentidos. O verbete é composto por uma definição. Para Rey Debove (1971 *apud* PONTES, 2010, p. 353), a definição mesmo incompleta, ancorada em exemplos, torna-se completa semanticamente, graças ao exemplo que a acompanha.

Tal exemplo, chamado exemplo lexicográfico, seria um enunciado ou frase a mais, acrescentados à definição, para ilustrar ou abarcar uma palavra-entrada. Ele é tão importante quanto a definição e participa da constituição do verbete. A definição é geral e abstrata, os exemplos constituem-se como concretos. Para Antonio Luciano Pontes, “a ausência quase total de exemplos é uma das maiores insuficiências da lexicografia escolar brasileira. Os exemplos são fundamentais para contextualizar a unidade léxica que representa a entrada.” (PONTES, 2010, p. 354)

O autor põe em evidência que os exemplos lexicográficos tanto podem ser extraídos de campos autênticos quanto podem ser fabricados ou adaptados, assumindo várias funções num dicionário, como: “dar conta do sentido de uma palavra”, “distinguir uma acepção das outras”, “acrescentar definições semânticas”, “Incluir certas orientações ideológicas”, etc. Esta última função nos chamou atenção, devido a uma mudança ou variedade de sentidos que um mesmo verbete é capaz de adquirir conforme o contexto em que se dá. E tal sentido pode seguir uma tendência ideológica ou implicar em uma determinada postura tanto por parte do dicionarista, quanto do leitor.

O *Dicionário Aurélio Júnior* publicado no ano de 2011 não contém em seus verbetes o exemplo lexicográfico para amparar a definição de seus termos; assim, o leitor jovem pode atribuir um sentido parcial ao que lê, dependendo de suas experiências sócio-histórico-culturais. A falta do exemplo lexicográfico, para Pérez, torna o “dicionário mais pobre”. (PÉREZ, 2000, p. 50)

Devido a esta falta do exemplo lexicográfico no *Dicionário*, julgamos necessária uma maior dedicação do professor para que os termos cidadão, civilização, pacato e utopia possam adquirir formatos de sentido mais concretos, palpáveis. Principalmente “cidadão”, expressão comumente usada por políticos e pela população ao se referir a direitos.

Como diz Ramos (2010, p. 173), o dicionário é um instrumento normatizador e complementar ao bom uso da variedade padrão da língua; deve, portanto, expandir a capacidade

compreensiva e de uso da língua, e não ser completa e totalmente assimilado, visto que também é um manual de busca, consulta, uma espécie de enciclopédia. Assim, sua função é mesmo ser sempre consultado. As palavras ganham o sentido que lhes são recorrentes devido ao seu uso histórico e social, aos tipos de interlocutores envolvidos no ato da comunicação e ao contexto. Elas não têm um sentido em si mesmas, mas somente quando formam uma rede comunicacional.

Deste modo, analisaremos três verbetes enfocando a análise do discurso, devido à sua materialidade institucionalizada que envolve campos essenciais do saber, como: cultura, sociologia, psicologia, história, política, etc., e amplo entrecruzamento de outros discursos. “Não há começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis” (ORLANDI, 1999, p. 39). Consideramos que os verbetes sejam de grande importância no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, se forem estudados à luz da análise do discurso, servindo para ajudar os aprendizes a compreenderem o contexto histórico-social no qual vivem, criticá-lo e até transformá-lo.

Os verbetes e suas acepções constituem a microestrutura do dicionário. A linguagem metalinguística é responsável por este papel: explicar qualquer código é uma linguagem que descreve outra. Os substantivos, adjetivos, verbos e advérbios cumprem esta função. A fim de contextualizar os verbetes, eis a letra da canção (SKANK, 2001):

Pacato Cidadão

Oh! Pacato Cidadão!
Eu te chamei a atenção
Não foi à toa, não
C'est fini la utopia
Mas a guerra todo dia
Dia a dia, não...
E tracei a vida inteira
Planos tão incríveis
Tramo a luz do sol
Apoiado em poesia
E em tecnologia
Agora à luz do sol...
Pacato Cidadão!
É o Pacato da Civilização
Pacato Cidadão!
É o Pacato da Civilização...
Refrão
Pra que tanta TV
Tanto tempo pra perder
Qualquer coisa que se queira

Saber querer
Tudo bem, dissipação
De vez em quando é "bão"
Misturar o brasileiro
Aaaaai!
Com alemão
Pacato Cidadão!
É o Pacato da Civilização...
Pra que tanta sujeira
Nas ruas e nos rios
Qualquer coisa que se suje
Tem que limpar
Se você não gosta dele
Diga logo a verdade
Sem perder a cabeça
Sem perder a amizade...

Refrão

Consertar o rádio
E o casamento é
Corre a felicidade
No asfalto cinzento
Se abolir a escravidão
Do caboclo brasileiro
Numa mão educação
Na outra dinheiro...

O foco da Análise do Discurso é a língua em funcionamento, enquanto trabalho simbólico, ideológico, intencional que visa a descortinar a gama de sentidos produzidos na enunciação, a qual se inscreve neste trabalho como um ato público. Ora, a canção “Pacato cidadão” foi criada para instaurar certos efeitos em determinado público. Seu estilo “rock pop” provoca principalmente o jovem, convida-o a uma adesão, pelo menos simbólica, quanto à mensagem veiculada. O eu-lírico musical, um jovem também, portanto deseja atingir outros jovens a nível nacional. Sua perspectiva de vida, seus sonhos e ideal se inscrevem nesta dinâmica musical. Vamos aos verbetes.

Entrada: cidadão

Categoria gramatical: substantivo

Gênero: masculino

*variante (s): Plural cidadãos

*sinônimo (s):

Definição: *subst. masc.* **1.** Indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado. **2.**

Popular Indivíduo, sujeito. [Plural: cidadãos. Femininos: cidadã e cidadoa].

Para se entender o termo cidadão de um modo mais amplo e significativo, o jovem aluno terá de saber o que significa “gozo dos direitos civis e políticos”, terá de saber exemplificar situações que ilustrem o que é civil e político, situações de cidadania e outras que não comungam com cidadania. O dicionário parece não conseguir ampliar a rede de significados que giram em torno de “direitos civis” e “Estado”. É necessário um esforço maior do docente para esclarecer e problematizar o “ser cidadão” no Brasil, assim, ele poderá questionar, por exemplo, quais situações de cidadania já vivenciaram, se seus pais são cidadãos (Por quê? Como?), se os próprios alunos são cidadãos, etc.

Como falamos anteriormente, a falta do exemplo lexicográfico do dicionário estudado acarreta uma carência quanto à aplicação e uso do termo. Um estudante em torno de 14 anos teria condições de compreender esta palavra sem auxílio de uma proposta de aprendizagem mais crítica e histórico-social?

A palavra cidadão abarca um conjunto amplo de direitos e deveres próprios de indivíduos pertencentes a uma comunidade ou Estado que deveria garantir ou auxiliar em sua liberdade, saúde, trabalho, enfim, meios necessários à sua sobrevivência. Este significado vem se construindo ao longo dos anos e se relaciona à ideia de cidade, de política, de *polis*, palavra de origem grega que remete ao mundo administrativo. Cidadão então é aquele cuja voz é ouvida e tem certo poder de decisão. Na Grécia antiga nem todos eram considerados cidadãos; no Brasil muitos não são também, embora não saibam disto.

A palavra “cidadão” também está interligada à política, que, aliás, é malvista pelos brasileiros, que a atrelam à politicagem. Um erro da população que acaba não se entrosando no campo que mais deveria lhe interessar: o rumo de seu país. Política é arte de bem administrar e tomar decisões, logo, tem plena relação com a palavra cidadão. É possível perceber então que “cidadão” significa também sujeito ativo, participativo, crítico, para isto, intui-se que quanto mais conhecimento acerca de fatos políticos, contradições, legislação, de garantias fundamentais à sobrevivência, informações diversas, amplia-se o poder de voz e de ser ouvido. Participar de decisões dentro e fora da escola, na igreja, em família, de propostas que norteiam os rumos da sociedade são atos de cidadania. Muitos outros exemplos devem ser expressos entre e com os alunos.

À frente da palavra “cidadão” encontra-se o adjetivo “pacato”.

Entrada: Pacato

Categoria gramatical: adjetivo

Gênero: masculino

*variante (s): Plural pacatos

*sinônimo (s):

Definição: *subst. masc.* **1.** Aquele que é amigo da paz; pacífico; ordeiro.

Pacato quer dizer passivo, neutro, avesso à discussão e brigas. Ora, qual a intenção do compositor que logo no primeiro verso conclama o ouvinte pelo vocativo “Pacato cidadão”? É uma pergunta essencial aos alunos. Parece um chamado a todo cidadão comum, em estado de ser pacato, a fim de estar atento quanto a projetos de vida individuais e coletivos.

Este “pacato cidadão” pode ainda ser remetido ao processo de formação histórica do povo brasileiro, profundamente mestiço e reprimido em suas camadas mais pobres; o povo negro e índio escravizado, explorado pelas elites brancas portuguesas é alvo de uma desigualdade sócio-econômica até os dias atuais, a qual precisa ser superada para o bem comum de todos os cidadãos. Para Darcy Ribeiro, “O mais grave é que esse abismo não conduz a conflitos tendentes a transpô-lo, porque se cristalizam num *modus vivendi* que aparta os ricos dos pobres, como se fossem castas e guetos” (RIBEIRO, 1995, p. 24). Nas conclusões de sua obra, Ribeiro novamente aponta um grave problema na construção da consciência brasileira, a falta de uma noção vigorosa de povo: “Nunca houve aqui um conceito de povo, englobando todos os trabalhadores e atribuindo-lhes direitos. Nem mesmo o direito elementar de trabalhar para nutrir-se, vestir-se e morar” (RIBEIRO, 1995, p. 447). Com a atual Constituição, em 1988, é que este ideal começa a se construir como lei.

O eu-lírico da canção diz que os traçou a vida inteira, “Planos tão incríveis / [...] Apoiado em poesia / e em tecnologia, / Agora à luz do sol...” O eu-lírico chama a atenção do cidadão quanto à esperança de se traçar futuros, que sua condição de “pacato” pode ser superada, seja no plano individual ou coletivo. A imagem do sol se traduz em energia e vida, um astro que trabalha em prol de todo o sistema, do planeta Terra. Parece que a força de sua luz também é motivação ao eu-lírico.

Faz-se uma crítica à TV, que leva muitas vezes à alienação e ao desperdício do tempo. Para ele, é preciso “saber querer” as coisas: “Pra que tanta TV / Tanto tempo pra perder / Qualquer coisa que se queira / Saber querer”.

No refrão, o verso: “Pacato cidadão da civilização”, parece avisar que o pacato cidadão é fruto da civilização? Que está à mercê das forças sociais e políticas do seu contexto civilizatório, sem conquistar espaço para intervenções? São muitas as abordagens para se construir noções acerca do verbete “cidadão” em torno da música e até mesmo de textos legislativos.

Entrada: civilização

Categoria gramatical: substantivo

Gênero: feminino

*variante (s): -

*sinônimo (s): -

Definição: *subs. fem.* **1.** O conjunto dos aspectos da vida material e cultural de um grupo social em qualquer estágio de seu desenvolvimento. **2.** Estas características no mais alto grau de sua evolução, em especial o progresso alcançado no mundo contemporâneo. **3.** A cultura própria de um povo, de uma coletividade, em determinada época. [Antônimo de 1 e 2: barbárie]

A palavra civilização, assim como cidadão, é também extensa em sua acepção. O dicionário consegue explicá-la com maior desenvoltura e clareza se comparado ao termo cidadão:

“Conjunto de aspectos da vida material e cultural de um grupo”, “progresso alcançado”, “antônimo de barbárie”. Se ilustrarmos a palavra com descobertas e obras importantes do mundo contemporâneo, como: foguetes, radares, avião, telefone, televisor, computador, internet, cinema, romances, etc., auxiliaremos ainda mais os aprendizes nesta busca por um sentido mais amplo. Ao mesmo tempo, faz-se necessária uma demonstração quanto às consequências negativas advindas da civilização, como: violência, desigualdade, preconceito, consumismo exacerbado, alienação, poluição, medo, etc. É possível desenhar, num diálogo com os aprendizes, qual a civilização idealizada por eles num futuro, de modo que comecem a agir no presente.

Norbert Elias (1990) pondera o valor dos conceitos; para ele, estes mudam ou desaparecem na medida em que as experiências cotidianas se distanciam deles, ou podem também ser retomados a depender das novas situações vivenciais. O sentido do termo civilização é construído tendo em vista o olhar ocidental sobre si mesmo, como sociedade do progresso, julgando-se superior às demais sociedades. Para ele, “a ‘civilização’ que estamos acostumados a considerar como uma posse que nos chega aparentemente pronta e acabada sem

que perguntemos como viemos a possuí-la é um processo a que nós mesmos estamos envolvidos” (ELIAS, 1990, p. 73).

O próximo verbete:

Entrada: utopia

Categoria gramatical: substantivo

Gênero: feminino

*variante (s): -

*sinônimo (s): -

Definição: *subs. fem.* **1.** Lugar ou situação ideal. **2.** *Por extensão* projeto irrealizável; quimera.

Definição simples e breve para explicar algo idealizado, abstrato, fugidio à percepção dos aprendizes do século XXI. Utopia também é o título de uma obra do século XVI, escrita por Thomas Morus, onde se vislumbra uma sociedade perfeita. U-tópico também designa o não lugar, ou seja, o lugar inexistente, impossível. Porém, o dicionário não explica esta acepção de modo tão claro para os jovens, com exemplificações, etc.

A palavra utopia se insere no âmbito do imaginário, daquilo que poderia ser, mas não é. Também participa de um ideal político-social em que os sujeitos têm voz ativa, participação e vivem num meio onde há amor, amizade, justiça e ordem. Esta palavra ganhou força na época de Revoluções como a Francesa, em que cidadãos, confiantes num futuro melhor, buscaram mudar o contexto presente, seja por meio de guerras, batalhas ou discursos. Como diz Marilena Chaui, o termo utopia

propõe uma ruptura com a totalidade da sociedade existente (outra organização, outras instituições, outras relações, outro cotidiano). Em certos casos, a sociedade imaginada pode ser vista como negação completa da realmente existente [...] mas em outros, como visão de uma sociedade futura a partir da supressão dos elementos negativos da sociedade existente (opressão, exploração, dominação, desigualdade, injustiça) e do desenvolvimento de seus elementos positivos (conhecimentos científicos e técnicos, artes) numa direção inteiramente nova — como foi o caso, por exemplo, das utopias francesas do século XVIII [...] (CHAUI, 2008)

Perguntar aos aprendizes o que entendem por utopia, pedir exemplificações, se ela seria possível nesta civilização capitalista, como construí-la coletivamente... Por que não dialogar sobre uma possível utopia para a escola, para a sociedade, como nós a desejamos, como estaríamos satisfeitos com ela? Se a utopia nasce no diálogo sobre o vir a ser, sobre a formulação

de um ideal para o homem que possibilitasse mudanças da realidade social, ela participa do projeto educativo libertador, conforme visto por Sonia Terezinha Felipe:

A utopia, para Freire, se caracteriza como um modo de estar-sendo-no-mundo, que exige um conhecimento da realidade, pois conhecer é possibilidade de “projetar”, lançar-se adiante, buscar. O homem busca porque não está completamente “acabado”, por ser “inconcluso”, por “esperar”. A esperança é o eixo que faz do homem um ser capaz de caminhar para a frente na realização da sua história.

[...]

Concluir que a realidade que aí está não é boa para o homem e crer que é possível concretizar outra são os dois momentos mais importantes da teoria de Freire sob a designação de utopia. (FELIPE, 1984, p. 71)

Na letra da canção, o eu-lírico reclama em francês que a utopia acabou, com o enunciado: “*C’est fini la utopia*”. Pode-se interrogar aos alunos o porquê deste término, se seria possível revivê-la, e como.

Atualmente não tem sido propagada, no meio político, social, nem escolar, a palavra utopia; assim, ela pode estar a serviço de novos discursos em espaços escolares, como pretendemos aqui. Utopia permite uma comunicação entre o presente e o futuro, parte do princípio de um presente dotado de raízes de mudança, influenciando-o e sendo influenciada por ele, num processo dialético e coletivo. Jogar as sementes da utopia é tarefa educativa.

Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2002, p. 113)

Considerações finais

Procuramos salientar a necessidade de rever e ampliar alguns significados presentes no *Dicionário Escolar Aurélio Júnior* sob a ótica da Análise do Discurso. Obviamente os dicionários representam um suporte didático, uma obra para consulta e, ao mesmo tempo, uma autoridade epistemológica. Assim, analisar seus termos, de modo contextualizado, sob a ótica da Análise do Discurso, fornecerá maiores fontes interpretativas ao aprendiz.

Como sabemos, as palavras sozinhas não têm sentido; para significar, elas emergem à superfície num feixe de discursos entrelaçados, em que um se remete a outro, sustentando-se no já-dito. Este fenômeno, chamado dialogismo ou polifonia, conforme Bakhtin, comprova a materialidade da língua, sua natureza fluida, coletiva, interativa, ideológica, que promove a

troca de experiências, o controle da verdade, a luta pelo convencimento do ouvinte, etc. Verificamos que o discurso concretizado na canção parece querer encontrar ecos nas vozes de seus ouvintes na medida em que lança um grito a este “pacato cidadão”, tenta produzir efeitos de concordância ou discordância quanto à sua própria situação histórica. Alguns sentidos ocultos nos verbetes “cidadão”, “civilização” e “utopia” do *Dicionário Aurélio Júnior*, o qual não pode ser visto como dotado de transparência e fonte completa da verdade, foram invocados a fim de despertar interesses por questões sociais e políticas do país, conduzindo o aprendiz pelas vias artísticas e reflexivas. É importante estimulá-lo em sua capacidade de interpretação, análise e crítica, e mostrar-lhe que, quanto mais variada sua rede de leitura, melhor poderá interpretar e produzir textos.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução e organização Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2002.
- CHAUI, Marilena. Notas sobre utopia. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 60, número especial 1, jul. 2008. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252008000500003&script=sci_arttext. Acesso em: 19 nov. 2015.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. v. 1.
- FELIPE, Sonia Terezinha. O conceito de Utopia na proposta paulofreireana. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 3, n. 6, 1984. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/23744>. Acesso em 19 nov. 2015.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Positivo, 2011.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- ORLANDI, Eni P. (Org.). *História das idéias linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. Campinas, SP: Pontes; Cárceres, MT: UNEMAT, 2001.
- PÉREZ, E. *Diccionarios*. Introducción a la historia de la lexicografía del español. Somonte: Ediciones Trea, 2000.
- PONTES, Antonio Luciano. Exemplo lexicográfico em dicionários escolares brasileiros. *Filologia Linguística Portuguesa*, n. 12, v. 2, p. 351-370, 2010.
- RAMOS, C. M. A. et al. *Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas*. São Luís: Ed. UFMA, 2010.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SKANK. Pacato cidadão. Intérprete: Samuel Rosa. In: *Skank ao vivo Ouro Preto*. Sony Music, 2001.

Artigo recebido em junho de 2015.

Artigo aceito em outubro de 2015.